

## Estudos comparados em literatura e a formação do leitor /

### *Comparative studies in literature and the formation of the reader*

*Raquel Beatriz Junqueira Guimarães\**

Raquel Beatriz Junqueira Guimarães é mestre e doutora em Estudos Literários: Literatura Brasileira, pela UFMG, professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e professora Assistente da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Atua na PUC Minas e na Faje nas unidades de Belo Horizonte. Dedicou-se aos estudos sobre o leitor e a leitura de textos literários.

 <https://orcid.org/0000-0002-2890-8999>

**Recebido** em: 16 jul. 2024. **Aprovado** em: 29 set. 2024.

#### **Como citar este artigo:**

GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira. Estudos comparados em literatura e a formação do leitor. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 13, n. 4, e3087, dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14542539>

#### RESUMO

O que se pretende discutir neste artigo é a possibilidade de os Estudos Comparados em Literatura colaborarem com a formação do leitor, na infância. Procura-se demonstrar que o caminho da comparação, oferecido pela Literatura Comparada, insere o leitor em um processo que aguça a capacidade de observar, fomenta a habilidade de analisar e de argumentar. Para explicitar o debate que se pretende fazer, toma-se como objeto de análise a obra de Ziraldo, *O menino maluquinho* (1980), destinada ao público infantil, em três de suas formas artísticas: a literatura, o seriado de TV e o filme. Na análise desenvolvida demonstram-se os aspectos mais evidentes e mais sutis de construção dos personagens, de análise da concepção de infância e de tempo trazidas pelas peças artísticas estudadas. A base do estudo parte das concepções de Tânia Carvalhal, que compreende a Literatura Comparada como estratégia interdisciplinar e aponta como esta concepção traz para os estudos literários traços de mobilidade, e evidencia a natureza mediadora da atuação comparativista, motivo pelo qual considera-se que ler comparativamente é caminho virtuoso para a formação do leitor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura comparada; Interartes; Formação do leitor; Ziraldo; *O menino maluquinho*.

---

\*

 [Raquelbjg60@gmail.com](mailto:Raquelbjg60@gmail.com)

## ABSTRACT

What we intend to discuss in this article is the possibility of Comparative Studies in Literature contributing to the formation of readers in childhood. We seek to demonstrate that the path of comparison, offered by Comparative Literature, inserts the reader into a process that sharpens the ability to observe, fosters the ability to analyze and argue. To clarify the debate we intend to have, the object of analysis is Ziraldo's work *O Menuquinho Maluquinho*, aimed at children, in three of its artistic forms: literature, the TV series and the film. The analysis developed demonstrates the most evident and subtle aspects of character construction, analysis of the conception of childhood and time brought about by the artistic pieces studied. The basis of the study is based on the conceptions of Tânia Carvalhal, who understands Comparative Literature as an interdisciplinary strategy and points out how this conception brings traits of mobility to literary studies, and highlights the mediating nature and comparative action, which is why it is considered that Reading comparatively is a virtuous path to reader education.

**KEYWORDS:** Comparative literature; Inter arts; Formation of the reader; Ziraldo; *O menino maluquinho*.

## 1 Introdução

Discute-se neste artigo a possibilidade de os Estudos Comparados em Literatura colaborarem com a formação do leitor, na infância, a partir do estudo de obras literárias destinadas ao público infantil que tenham sido transpostas para outras artes. Por observação do ambiente cultural, editorial e artístico no Brasil, pode-se perceber que, no século XX, várias obras literárias destinadas ao público infantil passaram a ser adaptadas para o cinema e/ou foram recriadas para a televisão como série. Entre essas destacam-se: *Reinações de Narizinho*, *Caçadas de Pedrinho*, *A chave do tamanho*, dentre outras de Monteiro Lobato que deram origem ao programa de TV veiculado pela Globo, *O sítio do Pica-pau amarelo*; *O menino maluquinho*, de Ziraldo, que saiu do livro, ganhou os quadrinhos, e se tornou seriado de TV e filme. A partir das obras de Ziraldo e suas adaptações será realizada a reflexão a respeito da formação do leitor na infância, por meio dos estudos de literatura comparada. Para tanto, apresentaremos uma leitura de três peças referentes ao personagem Maluquinho, o livro, o filme e o seriado, com o intuito de demonstrar quais elementos podem ser colocados em cena para a fruição delas com as crianças em ambientes de formação leitora escolares e não escolares.

Nossa proposta de leitura comparada na formação do leitor, parte das concepções como as de Carvalhal ao dizer:

[...], é ainda numa perspectiva histórica que se poderia dizer que se antes a especificidade da Literatura Comparada era assegurada por uma restrição de campos e modos de atuação, hoje, essa mesma especificidade é lograda pela atribuição à disciplina da possibilidade de atuar entre várias áreas, apropriando-se de *diversos métodos*, próprios aos objetos que ela coloca em *relação*. Este novo modo de entendimento acentua, então, um traço de

*mobilidade* na atuação comparativista enquanto preserva sua natureza "*mediadora*", intermediária, característica de um *procedimento crítico* que se move "*entre*" dois ou vários elementos, explorando *nexos e relações*. Fixa-se, em definitivo, seu caráter "interdisciplinar. (Carvalho, 1991, p. 10, grifos nossos)

Observa-se, na defesa de Carvalho, ao analisar as mudanças no entendimento do que é objeto e forma da Literatura Comparada, a evidenciação dos seguintes aspectos desta disciplina que, do nosso ponto de vista, articula com a Educação e a formação do leitor: a atuação em várias áreas; a apropriação de diversos métodos; a presença de diferentes objetos que são colocados em relação; a mobilidade acentuada própria da atuação comparativista; a natureza mediadora da atividade comparativa por se mover "entre" vários elementos dos quais se explora nexos e relações. Entende-se que a formação do leitor de literatura agencia os aspectos próprios da Literatura Comparada aqui explicitados por Carvalho, especialmente: o estabelecimento de relações entre objetos diversos, a mobilidade e a mediação. Essas relações, a mobilidade e a mediação exigidas pela leitura comparativista, devem contribuir para o conhecimento e compreensão da produtividade do texto literário, o que viria do aprendizado de como a intertextualidade acontece ao estabelecer o que há "entre" as obras em estudo. Carvalho considera, ainda, que "essa produtividade existe porque, como diz Kristeva, todo texto é absorção e transformação de outro texto." E a leitura possibilita escritas que aparecem "como resultante também de um processo de leitura de um *corpus* literário anterior. (Carvalho, [s.d], p. 10)

Para realizar tanto a análise comparativa quanto a reflexão sobre o processo de formação da criança como leitora por meio desse modo de ler, escolhemos como *corpus* de análise o conjunto formado pelo livro de Ziraldo, *O Menino Maluquinho*, de 1980, o filme *Menino Maluquinho*, de 1995, com roteiro do próprio Ziraldo, dirigido por Helvécio Raton, e a série de TV *Um menino muito maluquinho*, veiculada em 2006, com roteiros de Anna Muylaert.

Pode-se afirmar, ainda com Tânia Carvalho, que as obras posteriores ao livro de Ziraldo absorvem e expandem o que se vê no livro do artista de Caratinga. Salta da relação entre essas peças artísticas a ideia da arte como um *continuum* em que as obras se referem umas às outras, tendo partido delas ou não. E o efeito é, como diz Carvalho:

Diante disso, o que era entendido como uma relação de dependência, a dívida que um texto adquiria com seu antecessor, passa a ser compreendido como um procedimento natural e contínuo de reescrita dos textos. A compreensão do texto literário nessa perspectiva conduz à análise dos procedimentos que

caracterizam as relações entre eles. Essa é uma atitude de crítica textual que passa a ser incorporada pelo comparativista fazendo com que não estacione na simples identificação de relações, mas que as analise em profundidade, chegando às interpretações dos motivos que geraram essas relações. Dito de outro modo, o comparativista não se ocuparia a constatar que um texto resgata outro texto anterior, apropriando-se dele de alguma forma (passiva ou corrosivamente, prolongando-o ou destruindo-o), mas examinaria essas formas, caracterizando os procedimentos efetuados. Vai ainda mais além, ao perguntar por que determinado texto (ou vários) são resgatados em dado momento por outra obra. Quais as razões que levaram o autor do texto mais recente a reler textos anteriores? Se o autor decidiu reescrevê-los, copiá-los, enfim, relançá-los no seu tempo, que novo sentido lhes atribui com esse deslocamento? (Carvalho, 2006, p. 51-52)

A análise que fazemos é continuidade de nossas reflexões iniciadas na primeira década dos anos 2000.<sup>1</sup> Naquela ocasião tomamos como *corpus* para análise alguns episódios da série acima referida e os comparamos com nossa percepção do personagem de Ziraldo, na obra literária. Neste artigo pretende-se ampliar as peças artísticas nas quais há a presença do personagem maluquinho de Ziraldo, incluindo aqui o filme de mesmo nome<sup>2</sup>. Com o estudo, ainda que breve, das obras que têm o Menino Maluquinho como personagem central, em três suportes distintos, a literatura, a teledramaturgia e o cinema, pretendemos discutir como os estudos comparados podem colaborar com a formação do leitor do texto literário. O que se pretende neste estudo é estabelecer comparações interartísticas, ao aproximar, literatura, teledramaturgia e cinema, interrogando as obras “concebendo-os não como sistemas fechados em si mesmos, mas na sua interação com outros textos, literários ou não”. (Carvalho, 1991, p.13).

Nosso percurso para demonstrar essa possibilidade será a análise das obras a partir do conceito de infância que veiculam, o tom presente em cada obra ao tratar deste conceito, e a imagem criada do personagem cujo nome inclui a ideia do desajuste (ou ajuste) social na palavra “maluquinho” e sua relação com o tempo.

## 2 O menino maluquinho, o livro

A obra literária *O menino Maluquinho* é uma ficção explicitamente dirigida ao público

---

<sup>1</sup> Refere-se aqui ao artigo de nossa autoria “A literatura infantil na TV: O Menino Maluquinho de Ziraldo” publicado nos anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC — Tessituras, Interações, Convergências, realizado em 2008.

<sup>2</sup> Destaca-se que não entrará em nossa análise *O Menino Maluquinho dos quadrinhos*. A partir de seu primeiro livro, Ziraldo criou uma série de histórias em quadrinhos com o mesmo nome do livro. Essas histórias foram publicadas pelas editoras Abril e Globo, no período de 1989 até 2007. Não tivemos contato com a série de quadrinhos ao fazer estas análises.

infantil, cujo personagem principal é um menino muito querido pela família. É uma narrativa de memória, uma vez que traz a lembrança da vida desse menino com seus pais, amigos e avós, e apresenta suas principais características. A linguagem remete o leitor ao modo de fazer e dizer da criança: o menino “tinha o olho maior que a barriga”, “fogo no rabo”, “vento nos pés”, “pernas enormes, que davam para abraçar o mundo”, “macaquinhos no sótão”, era, finalmente, “um menino impossível”. Para além dessa linguagem metafórica e lúdica, todo o livro é composto por desenhos do cartunista-autor, com um traço leve, delicado e bem-humorado.

Esse personagem tem uma infância protegida, com amigos, colegas de escola, fazia suas artes inocentes, tais como perder caderno, quebrar objetos, ser indisciplinado, e é repreendido com delicadeza e serenidade pelos adultos. O narrador parece olhar de modo atento e delicado para a criança, procurando evidenciar suas qualidades e naturalizar seu comportamento ora desastrado, ora criativo, ora heróico, como goleiro de seu time da rua, ora melancólico e reflexivo, ora sábio. A história apresenta a infância como um tempo de felicidade, com problemas, como a separação dos pais, que embora importantes não chegam a perturbar a felicidade da criança. Pode-se dizer que há uma filiação à ideia de felicidade dos contos de fadas como se vê no início do livro: “era uma vez um menino maluquinho” (Ziraldo, 1980, p. 5) e, ao final, o narrador informa:

E, como todo mundo,  
o menino maluquinho cresceu.  
Cresceu  
e virou um cara legal!  
Aliás,  
virou o cara mais legal  
do mundo!  
Mas um cara legal, mesmo!  
E foi aí que  
todo mundo descobriu  
que ele  
não tinha sido  
um  
menino  
maluquinho  
*ele tinha sido era um menino feliz!*  
(Ziraldo, 1980, p.88-92, grifo nosso)

O menino que cresceu e virou um cara legal é apresentado também como um típico garoto da classe média urbana que tinha babá, a casa contava com uma cozinheira, seus objetos escolares eram adequados, se apresentava no jogo já vestido com a indumentária de goleiro completa, sem nenhuma necessidade material aparente.

A narrativa é em terceira pessoa, com um narrador supostamente distante do fatos narrados, mas as informações que traz e a afetiva proximidade com os acontecimentos, a escrita versificada em tom lírico, possibilitam dizer que essa distância não se confirma, o que oferece à narrativa um tom de ficção autobiográfica. O que se supõe é que aquela lembrança é escrita por aquele adulto que, um dia, foi o menino maluquinho.

Do modo como está contada, trata-se de uma história de qualquer adulto que tenha sido um menino feliz. Escrito desse modo lírico, marcado por afeto e acolhimento do mundo infantil, não há na obra literária nenhum indício de natureza pedagogizante e instrucional, como em algumas obras dirigidas ao público infantil. Ao contrário disso, o livro funciona efetivamente como um conto de fadas lírico e lúdico que representa momentos felizes de um menino típico dos setores médios da sociedade brasileira urbana.

### **3 *Um menino muito maluquinho, a série da TV***

As ideias básicas apresentadas na obra literária estão repetidas no seriado com algumas alterações substantivas, que serão aqui mencionadas, e que parecem projetar um destinatário diferente do suposto para o livro e um outro tipo de diálogo com o mundo infantil. Se o livro é claramente destinado às crianças, o seriado parece querer também dialogar com os adultos próximos das crianças. Ao acompanharmos os episódios, notamos que as características centrais do personagem Maluquinho são mantidas, e, portanto, relacionam-se parafrasticamente com a obra literária de Ziraldo.

As principais diferenças se dão pela alteração do tratamento dado a um componente importante da reflexão do personagem central presente no livro: a dimensão temporal. A obra literária se apresenta como memória, narrada em terceira pessoa. Ainda assim, mesmo com a feição de ficção memorialística, ela é contada de modo relativamente linear, ao mostrar o amadurecimento do menino até chegar à condição de um homem adulto. No meio desse processo aparentemente linear, o narrador informa a relação especial do personagem com o tempo:

Mas  
o seu maior mistério  
todos sabiam de cor:  
era o jeito  
que o menino  
tinha de brincar

com o tempo.  
Sempre sobrava tempo  
pra fazer  
mil traquinadas  
e dava tempo  
pra tudo.  
(o tempo era um amigão)  
Seu ponteirinho das horas  
vai ver  
era um ponteirão. (Ziraldo, 1980, p. 71-72)

No seriado, o tratamento dado à dimensão temporal da memória é outro. Enquanto no livro temos a passagem do tempo sugerida por um desenho de um relógio (p. 71) e pela ideia de que o tempo passa de modo diferente para pessoas diferentes (o tempo era um amigão), o seriado da TV Brasil potencializa a dimensão temporal e a multiplica ao apresentar o personagem em três idades distintas: aos cinco anos (interpretado pelo ator Felipe Severo), aos 10 (dez) (Pedro Saback) e aos 30 (trinta) anos (Fernando Alves Pinto, filho de Ziraldo). Essas três representações do mesmo personagem em tempos diferentes, estão presentes concomitantemente nos mesmos episódios, dando ciência ao telespectador da diferença da criança aos 5, aos 10 e do adulto. O efeito dessa criação do desdobramento da percepção do tempo para as diferentes idades, por um lado, materializa a ideia de que o tempo na vida do personagem é algo especial (tempo era assim pra ele: fazia horas a mais (p. 75) e, por outro, acrescenta ao que está no livro cenas e situações que surgem como tempos simultâneos e acrescentam problemas e situações não tratadas na obra literária. O telespectador acompanha ao mesmo tempo as situações vividas pelo personagem em diferentes momentos de sua vida.

Assim, com este recurso, o telespectador entra em contato com ações retrospectivas e prospectivas do menino, de modo que pode-se ter uma compreensão do processo formativo do personagem, o que não é objeto no livro. Pode-se dizer, ao notarmos essa diferença no tratamento da noção de tempo, que o seriado da TV acrescenta elementos que desenvolvem alguns problemas da vida infantil, tomando o livro como um mote, e tornando o seriado a glosa do que está no livro. Para esclarecer melhor, pode-se ter, como exemplo, o episódio da série intitulado "Adivinha que dia é hoje?", cujo tema é "aniversário". Nele, são apresentados dois momentos de festas de aniversário da vida do personagem: uma do menino aos 10 anos e a outra da criança aos 5 anos. As cenas sucessivas alternam os momentos das festas nesses dois momentos da vida do menino e, assim, revela-se a diferença de comportamento da criança em tempos distintos da infância. Aos dez anos, os problemas do pré-adolescente são: que roupa usar na festa, a

ansiedade na espera da menina tida como especial, o medo de ninguém comparecer ao evento. Já aos 5 anos, o personagem está às voltas com o abandono da mamadeira, uma vez que havia uma combinação com a mãe que previa o fim do uso da mamadeira no dia em que completasse aquela idade. O que se percebe, portanto, é uma alteração das discussões sobre o tempo e suas dimensões na vida do personagem. Pensa-se que esse trato da dimensão temporal, que constitui a ação da memória, é um traço que altera e amplia um elemento fundamental da obra literária e mantém o diálogo com a infância, presente no livro. Mas parece que não é só isso. Ao procurarmos o sítio da TV Brasil para compreender como a série foi pensada, pode-se ler o seguinte nas explicações sobre os roteiros preparados para os episódios da série:

Os principais assuntos da infância são mostrados sob o ponto de vista de crianças de 5 e 10 anos. Cada episódio tem um tema diferente que leva à identificação do telespectador com o personagem e à reflexão sobre a realidade e os conflitos das diferentes idades. Entre os temas abordados estão: identidade, quem somos e como as pessoas nos enxergam; a passagem do tempo e os aniversários; o primeiro dia de aula e os novos amigos; a preocupação com o animal de estimação; o consumismo e a vontade de comprar tudo que aparece na televisão; a morte; as férias; os pais; a importância da organização; o ciúme dos irmãos mais novos; o sonho da futura profissão; o melhor amigo; a competição entre meninos e meninas; a primeira paixão; artes; o excesso de doces etc.”(www.tvbrasil.org.br)

Para além dessa descrição vista no site, pode-se analisar, também, os títulos e os eixos temáticos dos episódios para entender os temas desenvolvidos pela série, como se vê na lista de episódios (Tab. 1):

**Tabela 1:** Lista de episódios

#	Título do episódio	Eixo temático
1	"Adivinha que dia é hoje"	O tempo e a idade
2	"O Menino que Tinha Panela na Cabeça"	Identidade
3	"O Primeiro Dia de Aula"	A vida na nova escola
4	"Eu não Sei Arrumar, Eu Só Sei Bagunçar"	A ordem e a limpeza



5	"Feio, Bonito!"	A beleza e a feiúra
6	"O melhor Amigo do Menino"	A amizade com o cachorro
7	"Meu pior Amigo"	Relações de amizade com os colegas
8	"O Canguru Campeão"	Decisões sobre o que ser quando crescer
9	"Liga, Desliga"	Os efeitos do vício em jogos de videogames
10	"O Melancia"	Ciúmes entre irmãos
11	"Azul e Rosa"	Disputas entre meninos e meninas
12	"Baleia de Rio"	Relações com as meninas
13	"Festa do Pijama"	Relações com os amigos
14	"Porquê Comigo?"	Preconceitos
15	"A Fada-Madrinha do Consumo"	Consumismo
16	"Maluquinho Galã"	Relações com as meninas
21	"Fome de Doce"	Aprendendo a comer de tudo

Fonte: Elaborada pela autora a partir de informações recolhidas na [pt.wikipedia.org/wiki/Lista](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista)

A organização temática e o modo como esses temas são desenvolvidos oferece ao seriado um tom pedagógico, o que o distingue tanto do livro quanto do filme. Episódio significativo desse fato é o que trata da "Fome de doce". O tema é sobre os hábitos alimentares. O enredo apresenta a criança, aos 5 anos, com o que é chamado de uma fome de doce. Ao comer doce demais o menino acaba adquirindo duas cáries. A mãe passa a controlar sua alimentação. Aos 10 anos o Maluquinho está às vias com outro problema sobre a alimentação: ele precisa aprender a comer (e a gostar de) comida japonesa, já que seu avô volta do Japão e pede um jantar japonês para comemorar.

Esse exemplo mostra, a nosso ver, uma certa instrumentalização dos personagens da série que funcionam como emissários de mensagens educativas para as crianças e compõem o diálogo com os telespectadores adultos. Temos, portanto, uma importante diferença entre a obra literária e o seriado da TV. Na literatura, a obra não veicula intenções educativas explícitas, uma

vez que o trabalho de linguagem é voltado para o ritmo, a musicalidade, as rimas, o lúdico. Já no seriado, a linguagem é revestida de um tom relativamente informativo, ainda que se preserve a natureza lúdica presente predominantemente na obra literária.

Diante dessas duas descrições, pode-se notar que, do ponto de vista da estruturação da discussão sobre o tempo, a série potencializa a ideia de fragmentação da experiência e, de certo modo, concretiza a noção de fragmentação da memória através dos diferentes atores e personagens em tempos distintos. Quando se olha para o tratamento dado ao tema da infância como tempo da vida, o caráter lúdico da obra literária é parcialmente substituído por um tom didático e educativo, no seriado. Essas alterações interferem na recepção de cada uma das obras e impacta, diferentemente, os leitores.

#### 4 O menino Maluquinho – O filme

Diferentemente desse tom parcialmente pedagógico que se percebe na série, marcada pela tematização dos problemas infantis, o filme *O menino Maluquinho*<sup>3</sup>, de Helvécio Rattón, parece manter a ideia de Ziraldo no que diz respeito ao modo de abordar a noção de infância feliz. A vida de Maluquinho e sua turma é apresentada de modo a dar destaque à alegria e à diversão, sem deixar de mostrar problemas como a separação dos pais, já presente no enredo da obra literária, e a morte do avô, um acréscimo importante presente no filme. As crianças vivem em um bairro com vizinhos que se conhecem, frequentam a mesma escola, uns dormem nas casas dos outros, formam grupos e vão à casa dos avós, participam de brigas com turmas diferentes, brigam e se apaixonam pelas meninas etc. Do ponto de vista da experiência do menino com o tempo, o filme percorre o mesmo processo presente no livro, embora os momentos de separação fiquem mais salientados do que no livro pelo desenvolvimento das experiências de divórcio dos pais e a morte do avô. Outra diferença a ser anotada é que, na obra literária, a referência de contato afetivo com os avós se dá pela imagem da “casa da vovó”, e é a voz da avó que reitera o caráter esperto e arteiro da criança ao afirmar: “Esse meu neto é tão maluquinho”. (Ziraldo, 1980, p. 47)

---

<sup>3</sup> O filme *O Menino Maluquinho*, de 1995, é estrelado por Samuel Costa no papel-título, Patrícia Pillar, Roberto Bomtempo, Othon Bastos e Luiz Carlos Arutin. Foi produzido por Tarcísio Vidigal, dirigido por Helvécio Rattón e a canção-tema foi composta e interpretada por Milton Nascimento. Foi filmada uma continuidade desse filme — *Menino Maluquinho 2 – Aventura* —, que não fará parte do conjunto de nossa análise, nesse momento.

A formação de uma ideia de herói, com o avô salvando os meninos do perigo, quando vão roubar frutas, é outro elemento importante no filme. A figura do herói, na obra literária, estava destinada ao próprio Menino Maluquinho, que, corajosamente, se oferecia para ir para o gol e “pegava todas” (Ziraldo, 1980, p.85). Na obra cinematográfica essa condição é dada ao avô. As figuras do avô e da avó aparecem rapidamente no livro. Na série, essa imagem do avô é desenvolvida e toma parte em vários episódios, e no filme torna-se o herói das crianças, o que compreende e apara as arestas que aparecem entre os amigos. O avô se torna um amigo e companheiro constante da criança. O filme parece se tornar uma hipérbole da dimensão idílica da infância, e não há nada nele em que se possa verificar o tom educativo dado à série. Supõe-se que essa aproximação com o tom da obra literária se dê pelo fato de que um dos roteiristas do filme seja o próprio Ziraldo. Essa infância alegre e feliz está, também, salientada na trilha sonora do filme que evidencia a dimensão predominantemente lúdica da infância, que parece ser a tese desenvolvida por Ziraldo em sua obra literária. O roteiro do filme retoma e amplia essa dimensão, como se pode observar na trilha sonora de abertura do filme, que é acompanhada de cena com as crianças brincando na rua:

Menino Maluquinho (Milton Nascimento)

Vida de moleque é vida boa  
Vida de menino é maluquinha  
É bente altas, rouba bandeira  
Tudo que é bom é brincadeira  
É bente altas, rouba bandeira  
Tudo que é bom é brincadeira  
(...)

O menino é o dono do mundo  
E o mundo não é mais que uma bola  
O menino não conhece perigo  
Tem um anjo da guarda na sua cola

Vida de moleque é vida boa  
Vida de menino é maluquinha  
É bente altas, rouba bandeira  
Tudo que é bom é brincadeira  
É bente altas, rouba bandeira  
Tudo que é bom é brincadeira

*O tempo do Menino Maluquinho  
É um tempo que existe só na infância  
Mas ele é eterno em todos nós*

Gruda feito chiclete, feito esperança

O tempo do Menino Maluquinho  
É um tempo que existe só na infância  
Mas ele é eterno em todos nós  
Ele gruda em nós feito esperança

Vida de moleque é vida boa  
Vida de menino é maluquina  
É bente altas, rouba bandeira  
Tudo que é bom é brincadeira  
É bente altas, rouba bandeira  
Tudo que é bom é brincadeira  
(...)

A trilha sonora é, pois, índice definitivo para apresentar a dimensão “eterna” do tempo da infância como tempo sempre presente, em consonância tanto com a obra literária, quanto com a proposta do enredo do filme. Se tomamos esta trilha sonora do filme e a comparamos com o tema de abertura da série televisiva teremos importantes aspectos que se repetem e alguns acréscimos:

Um Menino Muito Maluquinho  
Felipe Severo

Para quem vem,  
E só seguir,  
Devagarinho,  
Um menino maluquinho.

(Isso e uma panela!)

Pra quem vem só seguir devagarinho, maluquinho.  
O menino é que sabe "cochichou" bem baixinho.  
Que num pote de ouro, feito por um alquimista,  
Cabe tudo, tudo cabe mais só vê quem tem a pista.

Quem será que sabe? Quem será o artista?  
Me disseram que quem sabe é o maluco pequenino.  
O moleque de verdade é o menino maluquinho...

A letra do tema de abertura dos episódios da série, diferente da trilha sonora que abre o filme, evidencia menos a ideia de infância feliz e investe no enigma e na magia para incentivar o telespectador ao engajamento da audiência (Pra quem vem, / é só seguir/ Devagarinho/ Um menino maluquinho). A infância aparece, portanto, como tempo de revelação da composição alquímica da vida, mas nem todos conseguem compreendê-lo, como se a anunciar os mistérios

desse momento mais do que a revelar suas alegrias e dificuldades. Essa letra, diferente da trilha do filme, oferece uma proximidade entre o artista e a sua maluquez como elemento da identidade do “maluco pequenino”, viés que se vê muito presente no livro e no filme, igualmente.

Nas escolhas de ambientes, guarda-roupa, objetos de cena, também podemos notar, nos episódios da série, repetições de aspectos que já estavam no filme: o protagonismo de alguns ambientes tais como a casa, a rua, a escola, e de determinadas situações como festas, brincadeiras, namoros, visita aos parentes, em especial aos avós. Nos dois objetos artísticos audiovisuais há, também, uma espécie de compreensão comum do modo como o menino se veste, e seu modo de falar, como o uso de alguma gíria e de palavras inocentes. Os trajes podem ser vistos como herança dos desenhos de Ziraldo que traz um menino vestido de modo simples, e só mais caracterizado sofisticadamente quando se veste com sua roupa de goleiro (o que também se vê no filme, por exemplo).

## 5 A leitura comparativa e a formação do leitor

A leitura analítica apresentada nas partes anteriores pode ser um caminho para se pensar elementos que permitam supor a leitura da obra em comparação com a série e o filme com crianças. Num processo de leitura com as crianças há algo fundamental que antecede o ler, é a escolha, significa dizer que o objeto literário escolhido, as artes de contato que acompanham a leitura, são decisões muito importantes para que a criança perceba o que aproxima uma obra da outra e o que está “entre” elas e que merece a atenção do leitor e espectador, por exemplo, como no caso de que se trata aqui.

A leitura pode partir da identificação do leitor com o personagem central das tramas ficcionais dessas obras, o que já possibilita o estabelecimento de relações a partir de pelo menos alguns dos seguintes elementos: o enredo, os personagens, as trilhas sonoras, os ambientes e modo de vida dos grupos sociais que compõem as cenas ficcionais das obras lidas e/ou assistidas. Esse modo de ler comparativamente com as crianças parece possibilitar inserir o leitor criança no convívio com várias artes ao mesmo tempo e aguçar nelas um olhar atento para detalhes.

O processo de mediação da leitura comparativa deve ter em mente, conforme nos alerta Tania Carvalhal, que

a comparação não é um fim em si mesma, mas apenas um instrumento de trabalho, um recurso para colocar em relação, uma forma de ver e ler pelo contraste, pelo confronto de elementos não necessariamente similares e, por

vezes mesmo, díspares. Entende-se, ainda, que não se fala apenas do aspecto linguístico como base de comparação. O exercício que se propõe é, claro, de “diversidade de “linguagens” ou de “formas de expressão” particulares e divergentes. É, aliás, a especificidade (ou a divergência) que começa a se impor acima das analogias ou similitudes. (Carvalho, 1991, p. 11)

Visto dessa forma a criança poderá, pela mediação do adulto que acompanha as leituras, perceber os processos de alteração e ampliação das obras entre si, apontadas no estudo que apresentamos e outras tantas diferenças que não foram tratadas neste artigo. Poderá, ainda, discutir como as diferentes artes, pelos recursos de que dispõem, têm distintas possibilidades e recursos para contar as histórias. Os caminhos da leitura comparada facilitam o exercício crítico ao lidar com o caráter interdisciplinar e interartístico da leitura, e expõe o leitor à mobilidade permanente, ao fazê-lo transitar pelas diferentes formas e expressões artísticas.

Neste caso, o que se propõe é, como se tentou fazer nas análises, aproveitar a natureza “mediadora” da atuação Comparativista para propor um processo de leitura com crianças (e com adultos, mas aqui o exercício foi pensando em conversas com crianças) que privilegie a relação entre o livro, a série e o filme. Com a leitura que foi desenvolvida ficaram evidenciados elementos que podem ser facilitadores da condução da atuação comparativa tais como o enredo, a construção dos personagens e suas caracterizações, os ambientes em que os acontecimentos da narrativa acontecem, e, fundamentalmente, as concepções que são defendidas na obra de arte, que constituem argumentos para reflexões éticas e estéticas. No caso das três obras apresentadas, as concepções mais relevantes estão no campo da percepção da noção de infância, os modos de construir a memória e de compreender o tempo. Ainda que as crianças não venham a sistematizar essas percepções, o fato mesmo de colocá-las em contato com os aspectos dessas obras já é em si momento formador.

#### **CRedit**

**Reconhecimentos:** Não é aplicável.

**Financiamento:** Não é aplicável.

**Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

**Aprovação ética:** Não é aplicável.

**Contribuições dos autores:**

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Aquisição de financiamento, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Recursos, Software, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: GUIMARÃES, Raquel Beatriz Junqueira.

## Referências

CARVALHAL, T. F. *Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar*. Rev. Bras. de Literatura Comparada, n. 1., 1991.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo, Ática, 2006. 4.ed. rev. e ampliada. (Princípios ; 58)

GUIMARÃES, R. B. J. A literatura infantil na Tv: O menino Maluquinho de Ziraldo. In: XI Congresso Internacional da Abralic, 2008, São Paulo. *Anais do XI Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada - Tessituras, interações, convergências*. São Paulo: ABRALIC, 2008.

MENINO Maluquinho, o filme. Direção: Helvécio Ratton. Produção: Europa filmes. Roteiro: Maria Gessy, Alcione Araujo, Helvécio Ratton e Ziraldo. Intérpretes: Samuel Costa, Patrícia Pillar, Roberto Bontempo, Tonico Pereira entre outros. 1995. DVD (82 min).

PINTO, Z. *O Menino Maluquinho*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1980.

UM MENINO MUITO MALUQUINHO [Seriado]. Direção: César Rodrigues. Roteiro: Anna Muylaert. Criação Anna Muylaert e Cao Hamburger. Brasil. TV Brasil. 2006.